

## CINEMA

# Pantera Negra: orgulho negro na tela

**JOÃO PAULO DA SILVA DE NATAL (RN)**

O mais recente filme do universo cinematográfico da Marvel é sucesso de crítica e público e deve alcançar a marca de US\$ 1 bilhão na bilheteria mundial. O fenômeno não é à toa. Pantera Negra não é apenas mais uma aventura de super-herói, com alguém pulando de telhados atrás de bandidos e vilões. O longa-metragem, dirigido por Ryan Coogler (Creed: Nascido para Lutar), que assina o roteiro com Joe Robert Cole, é o mais político e sério filme da Marvel. Nele, negros e negras assumem o protagonismo da história numa trama que discute racismo e libertação.

## HISTÓRIA

Após a morte do rei T'Challa nos eventos de Capitão América: Guerra Civil, o príncipe T'Challa (Chadwick Boseman) retorna à sua casa para assumir o posto de novo líder da secreta e altamente desenvolvida Wakanda, no continente africano. O Pantera Negra, porém, descobre que outras tribos pretendem disputar o trono, enquanto o misterioso Erik Killmonger (Michael B. Jordan) conspira para voltar à nação e revelar antigos segredos guardados pelo país. O elenco conta, ainda, com Forest Whitaker, no papel do guia espiritual, Lupita Nyong'o, como Nakia, e Danai Gurira, que vive Okoye, a líder das Dora Milaje (a guarda real de Wakanda).

Pantera Negra é um filme forte e bonito, fruto de um momento histórico no qual a pressão por representatividade de negros, mulheres e latinos no cinema cresce a cada dia. Criado por Stan Lee e Jack Kirby em julho de 1966, em meio à luta dos negros por direitos civis nos EUA, o Pantera Negra foi o primeiro super-herói negro dos quadrinhos. Embora a criação da personagem seja anterior à fundação do Partido dos Panteras Negras (fundado em Oakland, em outubro de 1966), as histórias políti-

zadas do herói ao longo de mais de 50 anos guardam referências à luta da organização. No filme, isso também está presente.

## O ORGULHO DE SER NEGRO

Sem dúvidas, a fictícia nação africana de Wakanda desempenha uma simbologia incontestável no imaginário dos oprimidos. Seu avançadíssimo desenvolvimento tecnológico e social, a força de seus costumes tribais e a beleza de sua diversidade cultural realçam a grandeza do povo negro. Wakanda e seu maravilhoso metal vibranium são uma metáfora contundente sobre o que pode ser feito quando os colonizadores são impedidos de saquear nossas riquezas e de nos transformar em escravos.

É um filme para termos orgulho de nossa raça e, por isso, tem arrastado multidões ao cinema. Quando fui assistir ao longa vestindo minha camisa do Pantera Negra, o irmão negro que me atendeu disse: "Curti a camisa. Este filme mostra a força que a gente tem".

O lugar de destaque que as mulheres ocupam nesta sociedade é outra expressão do avanço que o combate à opressão pode trazer. Seja na figura de Shuri (Letitia Wright), a

irmã do Pantera e principal cientista do país, ou na bravura das guerreiras Dora Milaje, as mulheres de Wakanda têm um papel decisivo na trama.

Pense no efeito deste longa-metragem de super-herói no coração e na mente de quem quase sempre é retratado na telona como marginal, bandido, feio, ignorante e atrasado. O filme faz qualquer um sair do cinema de cabeça erguida, pronto para lutar contra esse sistema, que é racista até a medula.

Mas Wakanda vive um dilema fundamental. Ao se proteger de invasores, com o objetivo de defender suas riquezas e seu povo, essa rica nação acabou virando as costas para seus irmãos negros lá fora. E é a resolução desse conflito que divide os caminhos dos protagonistas da história. Por tudo isso, Pantera Negra é imperdível e deve ser visto por todos, especialmente pelo povo negro.

Michael B. Jordan, no papel de Killmonger (esq.) e Chadwick Boseman, no papel de Pantera Negra (dir.)



## CRÍTICA

### Reformar a senzala ou derrubar a casa grande?

Erik Killmonger (Michael B. Jordan) é um daqueles vilões que a gente ama. O personagem, obviamente influenciado pelas ideias do Partido dos Panteras Negras, deseja armar o povo negro de todo o mundo para derrubar os opressores. No entanto, a derrapada do filme é retratá-lo como um aventureiro lunático ou terrorista. Isso mostra claramente que não há inocentes na indústria do cinema e do entretenimento.

Por outro lado, a mensagem de T'Challa (Chadwick Boseman) é humanitária, de ajuda social, que vislumbra a reforma de um

sistema que é racista na essência. No filme, é explícita a defesa desse tipo de estratégia que, na verdade, também expressa as diferenças internas do próprio movimento negro. Assim, há dois caminhos em Pantera Negra: reformar a senzala ou derrubar a casa grande?

O tema não vem sendo discutido apenas nas redes sociais. Os próprios atores vêm manifestando sua opinião. Numa entrevista, Chadwick Boseman, ator principal do longa, disse que interpreta o inimigo, T'Challa. Segundo o ator, o rei de Wakanda "nasceu com uma colher de vibranium na boca", cheio de privilégios, enquanto o personagem Killmonger passou pelas dificuldades que os negros enfrentam todos os dias. "Não sei se nós, como afro-americanos, aceitaríamos T'Challa como nosso herói se ele não passasse por Killmonger. Porque Killmonger passou pelas nossas dificuldades e eu, T'Challa, não", afirmou.

Em última análise, o que há nessa história toda é o debate sobre classe e raça: para se lutar contra o racismo, não dá para se aliar à casa grande nem àqueles que querem reformá-la. A aliança é com todos os explorados e oprimidos para derrubar o sistema que está aí.